

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS**

**DAVID LEAL DA SILVA**

**A SEDUÇÃO DA LETRA: ANTROPOTÉCNICA E POLÍTICA  
CRIMINAL PÓS-HUMANISTA**

**(um ensaio psicopolítico para além do ressentimento)**

**PORTO ALEGRE**

**2014**

**A SEDUÇÃO DA LETRA: ANTROPOTÉCNICA E POLÍTICA  
CRIMINAL PÓS-HUMANISTA**

**(um ensaio psicopolítico para além do ressentimento)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de Concentração: Violência e Segurança Pública.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jacobsen  
Gloeckner

**PORTO ALEGRE**

**2014**

S586 Silva, David Leal da

A Sedução da Letra : antropotécnica e política criminal pós humanista (um ensaio psicopolítico para além do ressentimento) / David Leal da Silva. - Porto Alegre, 2014.  
148 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Porto Alegre, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner.

1. Política Criminal. 2. Humanismo. 3. Antropotécnica. 4. Criminologia. I. Gloeckner, Ricardo Jacobsen. II. Título.

CDD – 341.5

**DAVID LEAL DA SILVA**

**A SEDUÇÃO DA LETRA: ANTROPOTÉCNICA E POLÍTICA  
CRIMINAL PÓS-HUMANISTA**

**(um ensaio psicopolítico para além do ressentimento)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de Concentração: Violência e Segurança Pública.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner

---

Prof. Dr. Celso Rodrigues

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ruth Maria Chittó Gauer

---

## AGRADECIMENTOS

Se escrever consiste numa arte humanista ainda viva e resistente, de fato, parece ter razão o poeta Jean-Paul ao dizer que livros são cartas volumosas destinadas a amigos distantes. Meu agradecimento vai para os amigos com os quais tive um enorme e importante aprendizado, no percurso acadêmico que é muito mais Real do que a nomeação Mestrado em Ciências Criminais pode expressar. Trata-se de uma aposta que permanece, uma aposta no humano. Meus amigos que ainda acreditam, que permanecem firmes com seus desejos e utopias, jamais serão esquecidos. E quem se sabe amigo sempre lê o conteúdo de uma dedicatória em que seu nome não está escrito, de uma carta não escrita, mas que sempre chega ao seu destinatário, pois se sabe merecedor. Aqueles que sabem o que é sentir o amargo do subsolo, a fraqueza de estar semi-morto, a dor da experiência, enfim, estes a que me refiro como amigos são senhores de um coração cuja habitação faço minha e faço deles. Não abro mão, é minha casa. Esse escrito é o esforço de um renascimento da escrita, de uma retomada na direção de crença no humano, e, portanto, a síntese de um agradecimento. Não seria errado se dissesse: uma alegre inspiração humanista.

De toda sorte, imprescindível agradecer ao Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner pelo apoio na minha caminhada acadêmica e profissional, bem como por ser uma referência ética e intelectual.

Agradeço também à Prof. Dr<sup>a</sup> Ruth Gauer, ao prof. Dr. Ricardo Timm e ao prof. Augusto Jobim. Todos pela inquestionável importância nesta etapa acadêmica.

Agradeço à Capes pela bolsa de estudos que possibilitou a conclusão do curso de Mestrado em Ciências Criminais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

“Um homem sem qualidades não diz não à vida, ele diz ainda não”.

Musil, Robert. *O Homem sem Qualidades*.

“Na estrutura mais íntima do humanismo, como sua alma mesma, agita-se preso o monstro que, como fascista, faz do mundo prisão”. Adorno, Theodor W. *Minima Moralia*.

“Sim, com a graça de Deus! A liberdade, uma nova vida em perspectiva, a ressurreição entre os mortos!... Que inefável momento!”. Dostoiévski, Fiódor. *Recordações da Casa dos Mortos*.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo abordar a tendência da política criminal norte-americana em adotar a técnica atuarial como instrumento de gestão eficiente de grupos sociais indesejados. O emprego de instrumentos de medição de risco torna-se o mecanismo preferencial para a formulação de prognósticos que objetivam potencializar a gestão da criminalidade com base no perfil do criminoso. Essa é a chamada política criminal atuarial. Desvinculada dos ideais de regeneração disciplinar, apresenta-se como uma prática de inocuização dos irrecuperáveis. A configuração do sistema de justiça criminal norte-americana encontra ressonância noutros países do globo, justificando este estudo comparativo, bem como suas implicações no cenário brasileiro. Esses sintomas pertencem a um quadro maior, conduzindo ao estudo do acaso do humanismo e ao estudo da *antropotécnica*. Desde os gregos, o humanismo pertence às técnicas de domesticação do humano pela leitura. Atualmente, a cultura humanista é declarada ineficiente enquanto técnica domesticadora. Daí a hipótese de a genética tornar-se a mais eficiente *antropotécnica* da atualidade. Nesse sentido, uma perspectiva teórica alargada da convivência em coletividade é apresentada com a leitura do projeto *Esferas* de Sloterdijk, que demonstra a necessidade de compreender o modelo de governo, que concebe não só a vida humana numa ausência de atributos metafóricos com a preponderância biológica, mas a articulação de estratégias políticas que identificam a sociedade um corpo biológico. O que está em jogo, aqui, diz respeito a uma reorientação do pensamento político criminológico a partir da *técnica*.

**Palavras-chave:** Política Criminal; Humanismo; *Antropotécnica*; Eficiência; Criminologia.

## ABSTRACT

The present study aims to assess the trend of nortemericana criminal policy to adopt the actuarial technique as a tool for efficiently managing unwanted social groups. The use of measuring risk becomes the preferred mechanism for formulating predictions that aim enhance the management of crime based on the criminal profile. This is called the actuarial criminal policy. Divorced from the ideals of discipline regeneration, presents itself as a practice of inocuização of sunk. The configuration of the North American criminal justice system finds resonance in other countries of the globe, justifying this comparative study as well as its implications in the Brazilian scenario. These symptoms belong to a larger framework, leading to the study of humanism and the chance to study antropotécnica. Since the Greeks, humanism belongs to the techniques of taming the human for reading. Currently, the humanist culture is declared inefficient while domesticating technique. Hence the hypothesis of genetic become more efficient antropotécnica today. In this sense, an expanded living in collective theoretical perspective is presented with reading Sloterdijk's Spheres project, which demonstrates the need to understand the model of government, which sees not only human life in the absence of metaphorical attributes with biological preponderance but the articulation of political strategies that identify the company a biological body. What is at stake here concerns a reorientation of criminological political thought from the technique.

**Keywords:** Criminal Policy; Humanism; Antropotechnique; Efficiency; Criminology.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>I - QUESTÕES CRIMINOLÓGICAS: UM NOVO DESENHO DE POLÍTICA CRIMINAL E DE SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL.....</b>	<b>17</b>
1.1. Estados Gerais da Criminologia e a Política Criminal Pós-humanista.....	19
1.2. A Estratégia Legal via Dominação do Espaço Discursivo.....	21
1.3 Apontamentos Sobre a Técnica e o Controle da Criminalidade nos EUA: desenho de um perfil de criminoso.....	26
1. 4. Da Lógica Atuarial à Ressignificação do Sistema de Justiça Criminal.....	30
1. 5. A Política Criminal Atuarial Frente à Reconfiguração do Capital: a ausência de mascaramento ideológico.....	39
1.6. Da Lógica Atuarial à Biopolítica: fim da história?.....	44
<b>II – ANTROPOTÉCNICA, HUMANISMO E RAZÃO CÍNICA EM PERSPECTIVA: A SEDUÇÃO DA TÉCNICA.....</b>	<b>50</b>
2.1. Crítica da Razão Cínica: o nascimento de uma crítica ao humanismo.....	52
2.2. Parque humano: a <i>zoopolítica</i> e a <i>antropotécnica</i> .....	55
2. 3. A Sedução da Letra: o humanismo e a domesticação pela leitura.....	58
2. 4. O Evento Heidegger: o humanismo à escuta.....	61
2. 5. De Nietzsche a Platão e o Mal-estar Decisório: a criação/produção do homem no governo da <i>Zoopolítica</i> .....	64
2.6. A riqueza da cultura e o unilateralismo norteamericano.....	67
2. 7. Considerações sobre <i>antropotécnica</i> , genética e política criminal: para uma crítica ao pensamento de Sloterdijk.....	68
<b>III – AS ESFERAS, O PALÁCIO DE CRISTAL E O MIMO: NOVAS ESTRATÉGIAS DE DOMESTICAÇÃO DO SER EM SOCIEDADES DE PAREDES FINAS.....</b>	<b>76</b>

<b>3. 1. Sociedade como organismo imunizado: política climática.....</b>	<b>77</b>
<b>3.2. Esferas: uma filosofia para o fundamento do humano em sociedade.....</b>	<b>82</b>
<b>3. 3. Das espumas ao nascimento de Afrodite: para uma crítica do <i>ser-em-espumas</i>.....</b>	<b>89</b>
<b>3. 4. Terrorismo como estratégia atmosférica: para uma climatologia criminológica (atmocriminologia).....</b>	<b>92</b>
<b>3. 5. O Palácio de Cristal e a proibição do negativo: o encontro com o absoluto ideológico ou: viver em sociedades de paredes finas.....</b>	<b>99</b>
<b>3.6. <i>Match Point</i> e a sedução do luxo: para além do bem e do mal no palácio de vidro de Woody Allen.....</b>	<b>105</b>
<b>3. 7. Da adoração à idolatria: um guia para não ceder à <i>tentação</i> do belo? A sedução e os joguetes do poder.....</b>	<b>110</b>
<b>3. 8. Esferas Criminológicas: a <i>antropotécnica</i> criminal.....</b>	<b>115</b>
<b>3. 9. O retorno do negativo e a idolatria desatendida: a duplicidade no orgulho e a arte da negação.....</b>	<b>119</b>
<b>3. 10. Considerações implosivas: quando o Testemunho é capaz de sensibilizar o orgulho.....</b>	<b>124</b>
<b>3.11. Depois de um passeio: impressões de um futuro aberto - <i>Dostoiévski: Um Artista da Beleza</i> .....</b>	<b>129</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>131</b>
<b>BIBLIGRAFIA.....</b>	<b>134</b>

## INTRODUÇÃO

Numa de suas entrevistas, Jacques Derrida<sup>1</sup> revelou ter uma estranha sensação quando se dedicava ao seu trabalho intelectual. Cada vez que escrevia, tinha a impressão de avançar num novo território. Tratava-se de um avanço arriscado, exigindo-lhe um gesto que poderia soar como que agressivo. Imagine-se que talvez esse gesto do filósofo assemelhe-se a uma marcha solene em direção à dominação de espaços inóspitos, extra-humanos, quando ele conferia forma a uma sensação perturbadora que não parecia ser sua, mas oriunda de uma luta intermitente - às vezes, o surpreendendo até mesmo em sonhos- que se travava num campo inabitado pelo seu pensamento. Certo é que na ressonância de suas ideias, Derrida já não era mais um *exilado* e, vindo a ser acolhido pela escrita, não estava mais sozinho.

Esse *insight* oferece as pistas da narrativa que será apresentada. Também significa que, pela menção a Derrida, sem que o fantasma do filósofo -por ora- seja chamado a dialogar, neste escrito, a crítica filosófica, em sua proposta de pensar radicalmente as coisas do mundo e da *vida*, torne-se um forte combustível inspirador nessa caminhada que consiste em repensar não só a *Esfera Criminal* - um dos espaços mais *delirantes* na produção de violência coletiva - como se apresenta nas suas formas mais inumanas, da atualidade, mas também a violência e o poder em diversos aspectos do que se denomina *viver-com*. A literatura será convocada a emprestar suas criações e seu manifesto esforço em negar submissão aos grandes edifícios dogmáticos. Não se trata de escrever um texto criminológico. A livre escrita mais sutilmente se envolve com um conjunto de ideias e problemas formulados por outras esferas, mas que são sentidos de um modo bastante peculiar, enigmaticamente, sintomático nas esferas que transita o pensamento político criminológico. Daí que Dostoiévski, por seu potencial filosófico, oferece um riquíssimo contributo à presente pesquisa. Importante se diga: Dostoiévski é um literato das ideias, “seus livros trazem, disfarçados por entre enredos e personagens complexos, discussões filosóficas as mais profundas, para com as quais é impossível permanecer indiferente, uma vez tendo sido tocado por elas”<sup>2</sup>. Falar em grandes romances, em grandes textos, grandes cartas, situa quem escreve numa trama discursiva sem fim, ao mesmo tempo em que, talvez, oxigene a investida dos incansáveis homens das letras, formadora de cultura, de *modus vivendi*, de ideologia e, artificialmente, de um específico

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qoKnzsiR6Ss>. Acessado em 17 de novembro de 2014.

<sup>2</sup> GAUER, Ruth Maria Chittó; GAUER, Viviane Hippimann. *Os Demônios de Dostoiévski: uma crítica à modernidade desde outra temporalidade*. In: *Literatura e Pensamento Científico: discussões sobre ciência, política e violência nas obras literárias*. (Org.) Leandro Ayres França. Curitiba: IEA Acadêmica, 2014. pp. 9-19.

exercício do poder ou, se se preferir, de modelo de governo. Aqui, chega-se ao campo da palavra: “la humanidad, pues, deve ser claramente definida como lo vivo hablante”<sup>3</sup>.

Neste sentido, imprescindível sejam formulados os primeiros questionamentos, ainda que de repente, como num susto, feito improviso musical. Acaso, soaria agressivo aos sentidos o gesto de repensar a violência do poder punitivo - essa esfera já desfigurada e desfragmentada que mais parece *espuma* de sabão - por meio da escrita, no uso de um instrumental teórico relativamente arriscado, principalmente quando se anuncia a morte da crítica? Trata-se de *Carta Aberta*<sup>4</sup> que atestou: “a crítica morreu neste dia dois de setembro. Ela estava há muito doente, essa velha dama resmungona, e agora ela caiu completamente. Nós nos reuniremos à sepultura de uma época para fazermos um balanço, mas também, celebrar o fim de uma hipocrisia. Pensar significa agradecer, tinha dito Heidegger, eu acho, pensar significa respirar aliviado”. Tais palavras foram pronunciadas dos mais altos postos do pensamento crítico ocidental, no ano de 1999, a saber, pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk.

E se é verdade que há um morto, quem herdará seu legado? Campo aberto, invasões bárbaras? Nesse território envelhecido e desgastado por discursos nervosos e conflitos ideológicos, em que os adversários seguem abraçados como parceiros em comunhão de esforços - de um lado um humanismo intelectual que, ao fim e ao cabo, contribuiu para o fortalecimento das prepotências estatais; de outro, um conservadorismo cínico que não teme em falar abertamente sobre os caprichos fetichistas produtores de um mal completamente novo contra massas mimadas - ressoaria, enfim, agressiva a abordagem que procurasse revelar o que está por trás do *jogo sedutor* da violência? Seria essa uma tarefa infrutífera? O que se poderá dizer com o auxílio de outra leitura, novas ideias? Demasiado tarde para quem chega? Sem mais rodeios, a presente *aposta* está do lado das narrativas, pois quando as palavras se perdem no jogo dos espaços desfigurados, é a violência sem máscaras que ganha e aufero lucro. Pensamento, filosofia, literatura, espaços reticulares, civilização, habitações, cálculos, medições, palavras que desaguarão em problemas estéticos numa época em que beleza é questão de simetria. O espaço criminológico é apenas o *retrato* dessa ampla conjuntura, do seu sintoma, a sua síntese mais violenta (um espelho de estratégias de guerra).

Sem pessimismos e tampouco falas mansas com novas promessas, certo é que não parece mais permitido sustentar a indiferença. “Se a análise piedosa dos acontecimentos é

<sup>3</sup> LEGENDRE, Pierre. *El inestimable Objeto de la Transmisión*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996. p. 9.

<sup>4</sup> Disponível em: “[www.recantodasletras.com.br/cartas/3499533](http://www.recantodasletras.com.br/cartas/3499533)”. Acessado em 17 de novembro de 2014.

niilista. Qualquer análise radical é de um otimismo fulgurante”<sup>5</sup>. Há algum tempo, conforme se entenderá à frente, o sentido da afirmação, crítica e *ressentimento* se confundem. Ambos têm de ser reexaminados. Melhor para a crítica? Pensando nisso é que também seria oportuno dizer desse escrito como sendo um *testemunho* das impressões de um passeio intelectual por alguns impasses gerais a respeito dos viventes em coletividade. O seu percurso é traçado pelas formações das escritas libertárias dos significados, que personagens, novelas, romances e escritores podem conter para reavaliar as problemáticas apresentadas no campo da violência, numa espécie de *passeio pelo jardim das metáforas*, num jogo de palavras que não tem receio de gerar nervosismos espasmódicos em dogmáticos e idólatras. Aliás, não há *regras* nesse caminho. Quem talvez esteve com a razão foi Deleuze: pensar significa lançar dados<sup>6</sup>. Quando afirmações diretas e certeiras já não dizem mais nada além das distorções a que podem levar, chega o momento de dizer pelas extremidades, pelas beiradas, às vezes pela negação.

Assim sendo, no primeiro capítulo, será apresentado o estado geral da criminologia, da política criminal e do sistema de justiça criminal na atualidade. Tal investida lançará luz, precipuamente, sobre a chamada *Política Criminal Atuarial*. Após o colapso da lógica de regeneração via instituição punitiva, entra em questão uma lógica gestonária do controle da criminalidade. Examina-se, neste sentido, um fenômeno de remodelagem do sistema de justiça criminal que, atendendo a interesses de ordem econômica e cultural, erige um novo modo de lidar com os problemas em sociedade. Logicamente, ao pensamento criminológico requer-se faça novas perguntas.

Em *Visions of Social Control*<sup>7</sup>, Stanley Cohen afirmou em tom categórico que escrever, atualmente, sobre punição e classificação sem Foucault - o mais extremo dos idealistas- é como falar de inconsciente sem Freud. Mas talvez seja realmente necessário falar para além de Foucault, da criminologia e da política criminal. No dia 25 de junho de 2014, completou-se a terceira década da morte do crítico do poder. Em conferência no ano de 1982, na Universidade de Vermont, Foucault destacou que, o que lhe interessava, não era o acesso a determinado saber para, então, conferir-lhe o devido crédito. O pensador queria investigar certos saberes sobre si, que custavam perdas e proibições: “o que é preciso saber para aceitar a

<sup>5</sup> BAUDRILLARD, Jean. *O Paroxista Indiferente*. Tradução de Ana Sachetti. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999. p. 35.

<sup>6</sup> DELEUZE, Guilles. *Foucault y el Poder*. Tradução de Jaier Palacio Tauste. Uruguai: Errata Nature, 2014. p. 38.

<sup>7</sup> COHEN, Stanley. *Visions of Social Control: Crime, Punishment and Social Control*. Cambridge (Inglaterra): Polity Press, 1985. p. 10.

renúncia?”. Seu objetivo era, especialmente, compreender as ciências como *jogos de poder*, segundo *técnicas* específicas que os homens fazem uso com a finalidade de compreenderem o que eles mesmos são. As técnicas do saber são divididas em quatro grupos: 1) técnicas de produção – que permite produzir, transformar e manipular objetos; 2) técnicas de sistemas de signos, a partir das quais são utilizados signos, de sentido, de simbolização; 3) técnicas de poder que permitem determinar a conduta dos indivíduos, condicionando-os a determinados fins; e 4) técnicas de si, que contam com uma série de operações que incidem sobre o corpo, a alma, o pensamento e o modo de ser dos indivíduos. O cruzamento entre as técnicas de dominação e as técnicas de si, seu maior interesse, conduz àquilo que Foucault chamou de *governamentalidade*<sup>8</sup>.

No segundo capítulo, será apresentado o esboço da perspectiva que sustenta o fim de uma tradição definida pelo ocaso do humanismo. A sutileza de tal diagnóstico de época permite perceber que emerge um modelo político que passa a considerar a população como um organismo (biologicamente entendido: que exige ser protegido, imunizado das ofensivas externas), tendo por certas suscetibilidades que, a depender das ferramentas utilizadas, tornam mais eficiente a domesticação do humano. Igualmente, indica-se que existe um modelo de governo pondo a *vida* no centro das preocupações dos gabinetes de comando, denominando-se tal governo como *zoopolítico*. Toma-se o humano por sua condição animal. Sloterdijk sustenta que pertence à própria história do homem o seu modo constitutivo de influência com base no quadro cultural que, em sua composição, caracteriza-se pela domesticação do ser. É que, para além, os humanos são aqueles que estão em mudança antropológica e contribuem para isso estando na *clareira do ser*, promovendo verdadeira seleção da espécie. Estar na clareira corresponde a estar nessa modificação natural e artificial como quem está num lugar de comando. Daí a ideia de que os seres humanos estão condenados a dominar-se e a suportar as consequências do seu apreço irrestrito pelo poder<sup>9</sup>. Esse fenômeno corresponde àquilo que Martin Heidegger formulou a respeito do homem como pastor do ser. Neste sentido, a técnica está potencializando novas formas de conceber os agregados humanos no sentido de a escrita e a fala se perderem no sem sentido. Dominação técnica e esperanças depositadas nas ciências genéticas, entre outros, representam o descaso com relação às práticas humanistas, as quais se despedem da centralidade cultural e de sua influência domesticadora. Eis as razões para se

---

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. Les Techniques de soi. In: *Dits et Écrits*. Paris, 1994, t. IV, texto n° 363, I. ROMANDINI, Fabián Ludueña. *La Comunidad de los Espectros*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2010. pp. 11-4.

<sup>9</sup> SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akaal, 2011. p. 30.

falar de *antropotécnica*. Toda *antropotecnologia* paira sobre uma politização da vida animal que se quer domesticar no processo civilizacional. Nesse sentido, entra em questão o conceito de *zoopolítica*, que consiste na operação sobre a vida animal. O presente capítulo, portanto, tem por objetivo desenvolver a noção de *antropotécnica* a fim de experimentar sua potencialidade crítica no campo criminológico. Para isso, é necessário que o próprio pensamento criminológico coloque em questão alguns pontos considerados problemáticos do seu campo. O discurso sobre a genética é um meio de justificação e mascaramento ideológico, pois se procura apontar o gene como causa determinante do crime, deixando todo um complexo de fatores sociais excluídos de uma possível narrativa. Daí a necessidade de se falar de cinismo como ideologia dominante.

Ao apresentar as consequências epistemológicas da noção de *antropotécnica*, no terceiro capítulo, será a oportunidade para se articular uma nova e complexa teoria dos espaços de convivência, as *Esferas* de Sloterdijk, a fim de se entender como se estabelece o elo entre ser e espaço, ensejando o uso de técnicas articuladas para determinados fins. A técnica clarifica, ordena e racionaliza; aquilo que a máquina faz no campo prático, a técnica faz no campo empírico. A técnica é eficaz e procura levar a eficiência para todos os campos. Ela economiza a máquina, ampliando o efeito de organização e colocando as coisas onde é, exatamente, necessário. Ou seja, *a técnica integra tudo*. Quando o homem não está adaptado ao mundo, a técnica adapta. Sabe-se que cria um meio inumano com concentração de cidades, casas, falta de espaço, falta de ar, falta de tempo, fábricas desumanizadas, insatisfação dos sentidos, distanciamento da natureza, hospitais e presídios em que não se é mais que um número a ser registrado. Não há sinais de trégua. Falar em capitalismo já não resolve, até porque não é ele, mas a técnica que cria este mundo. É necessário pôr em questão diversos aspectos da vida em sociedade, em termos de estruturas sociais e políticas. É preciso levar a cabo uma revisão a partir do mecânico e da técnica, das estratégias que concebem o *ser-no-ambiente*. Será o ensejo para dimensionar a importância da tese de Dostoiévski sobre o Palácio de Cristal de Londres, do séc. XIX. Trata-se de uma estrutura suntuosa, que Dostoiévski avaliara com bastante acuidade em suas andanças pela Europa Ocidental. Pretende-se estabelecer os parâmetros fundamentais com a atualidade, bem como compreender as implicações em termos de violência e controle do risco. Seguindo o literato, o *Crystal Palace* representa a metáfora das sociedades ocidentais. Uma grande construção de vidro produtora de um humano específico, os chamados homens de estufa, mimados pelo luxo. Num ambiente climatizado, os sujeitos mimados procuram proteção contra os riscos de

fora, os inimigos contra os quais eles agem preventivamente. Eis aqui verdadeiro prenúncio das sociedades do consumo, cuja promessa não é outra senão a de vida em segurança e aquisição do mimo garantido pelo Estado de bem-estar.

Na *Divina Comédia*<sup>10</sup>, de Dante Alighieri, consta a famosa inscrição no pórtico do inferno avisando àquele que entrar que trate de perder a esperança. A sociedade ocidental já fez seu passeio trágico por um inferno edificado, que em seu portão de ferro diz: *o trabalho liberta*. Aliás, essa inscrição se mantém erguida como testemunho do horror improvável, para quem quiser visitar um inferno adormecido. Ainda que se possa dizer que de um inferno ao outro - de Dante a Auschwitz - houve uma virada ideológica no discurso, o que é peculiar é que esses anúncios e inscrições podem ser considerados metonímias espaço-temporais da cultura ocidental. Talvez a atualização desses anúncios seja vista em sínteses como: “fim da história”, *nothing works*, *a crítica está morta*. Numa versão tupiniquim: “bandido bom é bandido morto”. Para além, é sintomático que está sendo construído sob os restos de *Tchernobyl* um arco gigantesco que mais parece um portal de entrada. Eis uma inscrição ambiental indelével que a agressividade da técnica produziu. Noutro contexto, para celebrar o bicentenário da Constituição da Noruega, está sendo inaugurado um zoológico constituído por seres humanos, chamando à atenção para a concepção do humano enquanto animal. Todos esses acontecimentos não estão soltos.

Estes três capítulos não tratam senão de um pequeno aspecto das questões perenes elencadas na obra *O Pensamento Europeu Moderno*<sup>11</sup>, de Franklin L. Baumer, a saber: Deus (nas questões envolvendo, principalmente, imunidade, esferas, forma de vida), natureza (na bestialização ou animalização humana), homem (*antropotécnica* e domesticação do ser), sociedade (*viver-com*, gestão da massa, ressentimento, ideologia, entre outros) e História (sobretudo com relação ao colapso do humanismo).

É necessário avançar neste percurso.

<sup>10</sup> DANTE, Alighieri. *A Divina Comédia*. Tradução de Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena, 1962.

<sup>11</sup> BAUMER, Franklin. L. *O Pensamento Europeu Moderno*. vol. I e II. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.



## CONCLUSÃO

"Logo que li, irmão, por pouco não me tornei uma pessoa correta. Por pouco. Mas refleti e preferi continuar errado. É isso aí...". Dostoiévski, Fiódor. *Humilhados e Ofendidos*.

Quando se fala em colapso do humanismo, de fato, é muito mais uma *desmoralização da cultura europeia*<sup>12</sup> que se revela. Certo é que uma cultura bestializante toma conta de desenhar os parâmetros da presente época, encontrando-se no unilateralismo norteamericano o seu grande *designer*. Não por outro motivo, falar das práticas de controle penal na cultura estadunidense exige considerar as tendências da política criminal atuarial como verdadeiro sintoma que se alastra nos espaços de convivência do globo.

O que se torna quase ingenuidade ou má-fé é creditar legitimidade às ideologias do *pós*, fortemente, propagadas por teóricos que apresentam seus diagnósticos do presente histórico. A ideologia *pós* é também um desejo de morticínio, de aniquilação de sentido cuja intenção neoconservadora não é outra senão a de simular a ruptura com o passado e com a tradição a fim de instituir um marco zero para o estabelecimento de uma nova ordenação de sentido. Em outras palavras, quer-se conferir novos fundamentos para a legitimação inquestionável de velhas ações políticas da seleção e da domesticação do humano. Pós-história, pós-humano, pós-ideologia, pós-disciplinar, enfim, são significantes de uma astuta artimanha que pretende soterrar as antigas ferramentas de consolidação de uma estrutura, cujos interessados, uma pequena porção contida num castelo de vidro, insistem na manutenção dos seus privilégios, costumeiramente, naturalizados e produtores de um círculo vicioso da violência que lança o humano à miséria. Por isso a pergunta: seria, verdadeiramente, a política criminal atuarial uma criminologia do fim da história? Quando (desde a carta dialogal escrita por Platão e destinadas a estadistas letrados, no texto *Político*) o humanismo manteve o cínico padrão de legitimar um duplo perverso no uso psicopolítico de seus enunciados contidos em livros fundadores da cultura, procurando desenvolver e aprimorar todo tipo de ferramentas para a domesticação eficiente do ser, estaríamos, realmente, tão distantes desta tradição da política criminal (eugênica e seletiva) visualizada no modelo atuarial de gestão da criminalidade que calcula, emprega números e segreda grupos, para produzir um perfil humano específico e ontologizar o criminoso? Mais acertado parece falar-se em uma herança cultural, tal como os romanos foram herdeiros dos gregos e a cultura

---

<sup>12</sup> GAUER, Ruth Maria Chittó. *A Fundação da Norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EdUPucrs, 2011. p. 33.

européia foi herdeira dos romanos. O deslocamento cultural, por óbvio, traz novos parâmetros. Contudo, a divisão entre domesticadores e domesticados permanece, sem qualquer abalo significativo com a conclamada transição do modelo disciplinar ao modelo de gestão-inocuidade-atuarial. Em todos os quadros, a domesticação do ser se mantém, pois pertence às práticas humanistas, que rejeitam o negativo, a animalidade do humano, mesmo que se fale em ausência de justificativa política de uma decisão. Afinal, a noção de morte das narrativas pressupõe um discurso para narrar essa morte. Ou seja, os discursos continuam. Daí que o conceito de *antropotécnica* foi responsável por demonstrar que ainda se mantém os parâmetros de um de governo *zoopolítico*. A suscetibilidade do homem pela influência externa condiciona essa manutenção, que permanece apesar das mudanças de *design*. Em razão disso, o medo da externalidade desértica – ou se se preferir, aquilo que se desconhece, não se sabe e não se colonizou pela eficiência técnica - é o medo causado pelo insuscetível de controle pelo cálculo, pois não integra a chamada *Esfera* de convivência, simbolicamente conformada.

Quer dizer que, se a seleção de um grupo específico continua a mesma de outrora, os chamados perdedores da história, o processo de dominação não modifica a verdadeira lógica de funcionamento da vida em sociedade. No entanto, a ideia de mascaramento se tornou tão radical, tão eficiente, tão profundamente enganadora que chega o momento de o pensamento político criminológico reavaliar todo o seu arsenal crítico. A técnica torna-se um tema tão ou mais importante que o capital, sobretudo, por ser, inegavelmente, mais abrangente e elucidativo para compreender os tempos correntes. Trata-se de voltar a crítica do grande, da grande política, da *zoopolítica* e da *antropotécnica*. E se a crise do humanismo encontra sua versão na política criminal, algo de significativo, porém diverso, precisa ser profundamente reavaliado. Essa convergência que amplia o ocaso da utopia humanista foi demonstrada com a técnica genética que se legitima enquanto saber preciso, eficiente e indiscutível. Em que pese os fatores do ambiente possam ser, em algum momento, a artimanha discursiva empregada para minimizar a aparência de paranoia na arrogância de se falar numa determinação absoluta, quando se trata de exame genético, adentra-se na seara do absoluto ideológico. Afinal, quem irá contestar um exame que apresenta 99, 99% de acerto? A técnica genética, que se permite utilizar para a extração de material biológico dos criminosos condenados por crimes de violência grave contra a pessoa, no Brasil, parte da mesma verdade produzida pela técnica atuarial, com seu jogo de probabilidades, que identifica na reincidência o maior peso na

concepção *zoopolítica* de governo das populações indesejadas, estas que nem sequer podem ser domesticadas, mas apenas inocuidadas ou bestializadas.

A promessa humanista não sai barato. Se, como dissera Boudrillard, À *Sombra das Maiorias Silenciosas*, as massas não são manipuladas pelo poder, nem se deixam ser enganadas, a cobrança por essas promessas não cumpridas são responsáveis pela produção de maior ressentimento social. Daí que ocorre um jogo no espaço político a ser considerado. A massa, deixando-se seduzir, encontra sua moeda de troca nos fluxos da expressão ressentida. O político, assim, negocia com as massas infantilizadas, que se alimentam da esperança de mimo e de luxo, certa representação da ira subjetiva vislumbrada, normalmente, pela unicidade de um signo. O criminoso é a concentração dessa infelicidade de mimados que não gozam das promessas modernas, negativo que ainda precisa ser extirpado do campo de convivência a fim de que, finalmente, possam ser abertas as portas do Palácio de Cristal. Como diria Figueiredo, ficções de uma era<sup>13</sup>. Eis o engodo ideológico.

---

<sup>13</sup> FIGUEIREDO, Vicente Cardoso de. Ensaio Sobre Philip K. Dick, o gênero ficção científica e a obra Andróide sonham com ovelhas elétricas? In: *Literatura e Pensamento Científico*. (Org.) Leandro Ayres França. Curitiba: IEA Acadêmica. pp. 147-55.

**REFERÊNCIAS:**

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *Lo Abierto*. Tradução de Flavia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *Lo que Queda de Auschwitz: el archivo y el testigo (Homo Sacer III)*. Tradução de Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pré-Textos, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. *Nudità*. Roma: Nottetempo, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo e Outros ensaios*. Tradução de Vinícius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. *Pelas Mãos da Criminologia: o controle penal para além da (des)ilusão*. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2004. p. 15-34.

ANSART-DOURLEN, Michèle. O Ressentimento: as modalidades de seu deslocamento nas práticas revolucionárias. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2004. pp. 351-369.

ARANTES, Paulo. *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias: o fim do social e o surgimento das massas*. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *De um Fragmento ao Outro*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *O Paroxista Indiferente*. Tradução de Ana Sachetti. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e Simulação*. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMER, Franklin. L. *O Pensamento Europeu Moderno*. vol. I e II. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BECK, Ulrich. *A Europa Alemã*. De Maquiavel a Merkievel: Estratégias de Poder na Crise do Euro. Lisboa: Edições 70, 2013.

BRAITHWAITE, John. *What's Wrong with the sociology of punishment?* London: Sage, 2003.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BIRMAN, Joel. *Cadernos Sobre o Mal*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

CABATTE, Eduardo Luiz Santos. *Criminologia Genética: perspectivas e perigos*. Curitiba: Juruá, 2007. PICHOT, André. *O Eugenismo: genetistas apanhados pela filantropia*. Tradução de Francisco Manso. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

CAMPESI, Giuseppe. *Neoliberal and Neoconservative Discourses on Crime and Punishment*. Sortuz. *Oñati Journal of Emergent Socio-legal Studies*, Volume 3 Issue 1 (2009) pp. 33-52.

CARVALHO, Juliano Gomes de. *O Escândalo do Testemunho*: histórias de vida nas vozes do cemitério dos vivos – Presídio de Camaquã. Guaíba: Sob-Medida, 2013.

CASABONA, Carlos María Romeo. Las Prácticas Eugenésicas: Nuevas Perspectivas. In: *La Eugenesia Hoy*. (Org.) CASABONA, Carlos María Romeo. Madri: Bilbao-Granada, 1999.

CHRISTIE, Nils. *La Industria del Control del Delito*: la nueva forma del holocausto? Tradução de Sara Costa. Buenos Aires: Del Puerto, 1993.

CHRISTIE, Nils. *Uma Razoável Quantidade de Crime*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

COHEN, Stanley. *Visions of Social Control: Crime, Punishment and Social Control*. Cambridge (Inglaterra): Polity Press, 1985.

DANTE, Alighieri. *A Divina Comédia*. Tradução de Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena, 1962.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Foucault y el Poder*. Tradução de Jaier Palacio Tauste. Uruguai: Errata Nature, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da Psicanálise*: o impossível para além da soberana crueldade. Tradução de Antonio Romane e Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.

DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Tese Apresentada ao Programa de Doutorado em Direito da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2012. FEELEY, Malcolm M.; SIMON, Jonathan. *The New Penology: notes on the emerging strategy of corrections and its implications*. *Criminology*, 1992. pp. 30-4.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Crocodilo e Notas de Inverno Sobre Impressões de Verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Irmãos Karamázov*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2008.

ELLUL, Jacques. *La Edad de la Técnica*. Tradução de Joaquim Sirera Riu y Juan León. Barcelona: Octaedro, 2003.

FEELEY, Malcolm; SIMON, Jonathan. Actuarial Justice: the Emerging New Criminal Law. In: NELKEN, David (Org.). *The Futures of Criminology*. Londres (Inglaterra): Sage, 1994. p. 175.

FEELEY, Malcolm M.; SIMON, Jonathan (1992). *The New Penology: notes on the emerging strategy of corrections and its implications*. *Criminology*, 30(4), 449–474.

FERGUSON, James; GUPTA, Akhil. Spatializing States: Toward an Ethnography of Neoliberal Governmentality. In: *Antropologies of Modernity: Foucault, Governmentality, and Life Politics*. Blackwell, 2005.

FIGUEIREDO, Vicente Cardoso de. Ensaio Sobre Philip K. Dick, o gênero ficção científica e a obra Andróide sonham com ovelhas elétricas? In: *Literatura e Pensamento Científico*. (Org.) Leandro Ayres França. Curitiba: IEA Acadêmica. pp. 147-55.

FOUCAULT, Michel. *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...* um caso de parricídio apresentado por Michel Foucault. Tradução de Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Rosa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Les Techniques de soi. In: *Dits et Écrits*. Paris, 1994, t. IV, texto nº 363, I.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XIII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XXI: *Fetichismo*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GABRIEL, Markus; ZIZEK, Slavoj. *Mitologia, Loucura e Riso*. Tradução de Silvia Pimenta Velloso Rocha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GARLAND, David. *A Cultura do Controle*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GARLAND, David. *As Contradições da “Sociedade Punitiva”: o caso britânico*. In *Revista de Sociologia e Política*, n.º 13, 1999.



GAUER, Ruth M. Chittó. A Civilização do Medo Produz a Civilização da Ira. In: *Sentimentos na História: imagens, práticas, emoções*. (Org.) Marion Brepohl; André Mendes Capraro; Renara Senna Garraffoni. Curitiba: Ed. Curitiba. 2012. pp. 93-111.

GAUER, Ruth M. Chitto. *A Fundação da Norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EdiPucrs, 2011.

GAUER, Ruth Maria Chittó; GAUER, Viviane Hippimann. *Os Demônios de Dostoiévski: uma crítica à modernidade desde outra temporalidade*. In: *Literatura e Pensamento Científico: discussões sobre ciência, política e violência nas obras literárias*. (Org.) Leandro Ayres França. Curitiba: IEA Acadêmica, 2014. pp. 9-19

GIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIORGI, Alessandro de. *A Miséria Governada Através do Sistema Penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

GIRARD, René. *Dostoiévski: do duplo à unidade*. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo, 2011.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. *O Subterrâneo da Psicanálise: a crueldade, o sem-álibi*. pp. 436-50. In: *Literatura e Psicanálise: encontros contemporâneos*. Organizadores Ricardo Timm de Souza... [et AL.]. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. *Risco e Processo Penal: uma análise a partir dos direitos fundamentais do acusado*. Salvador: JusPodiVm, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto: uma tragédia*. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: 34, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *O Futuro da Natureza Humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HARCOURT, Bernard E. *Against Prediction: profiling, policing, and punishing in na actuarial age.* Chicago (Illinois): The University of Chicago Press, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo.* Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

INDA, Jonathan Xavier. Analytics of the modern: an introduction. In\_\_\_\_\_. *Antropologies of Modernity: Foucault, Governmentality, and Life Politics.* : Blackwell, 2005.

JR. GIACOIA, Oswaldo. *Corpos em fabricação.* Natureza Humana, 5 (1). pp. 175-202, jan.-jun. 2003.

KARAM, Maria Lúcia. *A Esquerda Punitiva.* Entrevista com Maria Lúcia Karam: por Betch Cleinman. In: *Revista de Estudos Criminais.* a. 1. n. 1. Porto Alegre, 2001.

KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor.* Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* São Paulo:UNICAMP, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.* Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LACAN, Jacques. *Escritos.* Tradução de Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário: a angústia.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACLAU, Ernest. *La Razón Populista*. Tradução de Soledad Laclau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2010.

LEAL, Edilene. *Peter Sloterdijk: a novela dos espaços*. São Cristóvão: Revista Tomos, jan./jun. de 2010. pp. 221-41.

LEAL, David; FELIX, Yuri. *Match Point: sorte na vida ou vencer a qualquer preço?*. Revista Liberdades, v. 17, p. 156-162, 2014.

LEBRUN, Jean-Pierre. *A Perversão Comum: viver juntos sem outro*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um Mundo sem Limite*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEITE, Marcelo. *Retórica Determinista no Genoma Humano*. scientiæ zudia, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 421-52, 2006.

LEGENDRE, Pierre. *O Amor do Censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Tradução e revisão Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Aoutra, 1983.

LEGENDRE, Piere. *El inestimable Objeto de la Transmisión*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996.

LEGENDRE, Pierre. *Il Giurista Artista Della Ragione*. Torino: Giappichelli, 2005.

LEGENDRE, Pierre. *La Fábrica del Hombre Occidental*. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo.

MARQUES, J. O. de A. *Sobre as regras para o parque humano de Sloterdijk*. São Paulo: PUC, 2004. v. 4, n. 2., pp. 363-81.

MARLOWE, Crisuthorpher. *A História Trágica do Doutor Fausto*. Tradução de A. de Oliveira Cabral. São Paulo: Hedra, 2006.

MELMAN, Charles. *O Homem sem Gravidade*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MELMAN, Charles. *Retorno a Schreber*. Tradução de Conceição Beltrão Fleig. Porto Alegre: CMC, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhellm. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

O'MALLEY, Pat. *Governmental Criminology*. London: Sage, 2009.

O'MALLEY, Pat. *Riesgo, neoliberalismo y justicia penal*. Buenos Aires: Ad-Hoc, 2006.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Tradução de Herrera Filho. Rio de Janeiro: Ibero-Americano.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PICHOT, André. *O Eugenismo: genetistas apanhados pela filantropia*. Tradução Francisco Manso. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

PITCH, Tamar. *La Sociedad de la Prevención*. Buenos Aires: Ad-Hoc, 2009.

PIGLIA, Ricardo. *El Último Lector*. Barcelona: Anagrama, 2005.

PLATÃO. *Político*. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.

ROMANDINI, Fabián Ludueña. *La Comunidad de los Espectros*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010.

RUSCHE, George; KIRCHHEIMER, Otto. *Punição e Estrutura Social*. Tradução de Gizlene Neder. Rio de Janeiro: Revan, 2004

SAAVEDRA, Giovani. Reflexões Iniciais Sobre Criminal Compliance. In: *Boletim IBCCRIM*. São Paulo: IBCCRIM, a. 18, n. 18. Jan 2011.

SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger: um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de De Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SANDEL, Michel J. *Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SANTOS, Juarez Cirino dos. *A Criminologia Radical*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SAFATLE, Vladimir. *A Paixão do Negativo: Lacan e a Dialética*. São Paulo, UNESP, 2006.

SAFATLE, Vladimir. *Paranoia como Castástrofe Social: sobre o problema da gênese de categorias clínicas*. São Paulo: Unesp. 2011.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger: um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Virgílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1961.

SIMON, Jonathan. *Governing Through Crime: how the war on crime transformed Democracy and created a culture of fear*. New York: Oxford: University Press, 2007.

SIMON, Jonathan. *Punição e as Tecnologias Políticas do Corpo*. Tradução de Leandro Ayres França. Porto Alegre: EdIPUCRS, Revista Eletrônica da Faculdade de Direito, 2013, Vol. 5, n.º 2. pp. 219-51.

SOUZA, Maria Alice Timm de. *Dostoiévski: uma desconcertante congruência*. pp. 348-81. In: *Literatura e Psicanálise: encontros contemporâneos*. Organizadores Ricardo Timm de Souza... [et al.]. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Escrever Como Ato Ético*. Disponível em: “[www.timmsouza.blogspot.com.br](http://www.timmsouza.blogspot.com.br)”.

SLOTEDIJK, Peter. *Crítica de la Razón Cínica*. Tradução de Miguel Ángel Veja. Ed. Siruela, 2007.

SLOTEDIJK, Peter (2001a). “*El hombre operable; Notas sobre el estado ético de la tecnología génica*”, en Revista ARTEFACTO, 4: 91-105. URL= <<http://www.revista-artefacto.com.ar/revista/nota/?p=91>>. Conferencia del 19 de mayo de 2000, en el Centro de Estudios Europeos (CES) de la Universidad de Harvard, EE UU.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferologia plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. *No Mesmo Barco*: ensaio sobre hiperpolítica. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SLOTERDIJK, Peter. *O Desprezo das Massas*: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. *O Sol e a Morte*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. *O Quinto "Evangelho" de Nietzsche*. Tradução de Flávio Beno Siebeniechler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal*: para uma teoria filosófica da Globalização. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*: reflexões sobre uma potencial mundial ao final da era de sua letargia política. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación*: Tras las Huellas de Heidegger. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid, 2011.

SOUTULLO, Daniel. El Concepto de Eugenesia y su Evolución. In: *La Eugenesia Hoy*. (Org.) CASABONA, Carlos María Romeo. Madri: Bilbao-Granada, 1999.

TÜRCKE, Christoph. *Filosofia do Sonho*. Tradução de Paulo Rudi Sneider. Ijuí: Unijuí, 2010.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Tradução de Antonio A. S. Zuin, Fabio A. Durção, Francisco C. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas: Unicamp, 2010.

VALÉRY, Paul. “*Meu Fausto*”. Tradução de Lídia Fachin e Sílvia Maria Azevedo. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

VALÉRY, Paul. “*Meu Fausto*”. Tradução de Lídia Fachin e Sílvia Maria Azevedo. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

WACQUANT, Loïc. *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Tradução de Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *La Globalización y las Actuales Orientaciones de la Política Criminal*. PIERANGELI, José Henrique (coord.). *Direito Criminal*. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *La palabra de los muertos: conferencias de criminologia cautelar*. Buenos Aires: Ediar, 2011.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. *La Cuestión Criminal*. Buenos Aires: Planeta, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *Arriscar o Impossível: conversas com Zizek*. Tradução de Vera Ribeiro: Martins Fontes, São Paulo, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao Deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Tradução de Paulo Cezar Castanheiras. São Paulo: Boitempo, 2003.



ZIZEK, Slavoj. *Como Ler Lacan*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges: Rio de Janeiro, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não Sabem o que Fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zaharo, 1992.

ZIZEK, Slavoj. *El Espinoso Sujeto: el centro ausente de la ontología política*. Tradução de Jorge Piatigorsky. Buenos Aires: Paidós, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *El Títere y el Enano: el núcleo perverso del cristianismo*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *Em Defesa das Causas Perdidas*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *En Defensa de la Intolerancia*. Tradução de Javier Eraso Ceballos. Madrid: Sequitur, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Interrogating the Real*. New York: Continuum, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *Organs Without Bodies: on Deleuze and Consequences*. New York: Routledge, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *Visão em Paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

#### **SITES DA INTERNET:**

[www.actualidad.rt.com/cultura/view/128376-zoologico-humano-racismo-noruega](http://www.actualidad.rt.com/cultura/view/128376-zoologico-humano-racismo-noruega). Acessado em 03 de agosto de 2014.

[www.bioetica.ufrgs.br/clonact.htm](http://www.bioetica.ufrgs.br/clonact.htm). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.bioetica.ufrgs.br/dollyca.htm](http://www.bioetica.ufrgs.br/dollyca.htm). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.cpovo.net/jornal/A107/N57/HTML/01LABORA.htm](http://www.cpovo.net/jornal/A107/N57/HTML/01LABORA.htm). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.conjur.com.br/2012-out-17/david-silva-lei-1265412-destroca-nemo-tenetur-detegere](http://www.conjur.com.br/2012-out-17/david-silva-lei-1265412-destroca-nemo-tenetur-detegere). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=186](http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=186)". Acessado em 03 de agosto de 2014.

[www.dw.de/cadernos-autobiogr%C3%A1ficos-reavivam-debate-sobre-heidegger-e-o-nazismo/a-17488624](http://www.dw.de/cadernos-autobiogr%C3%A1ficos-reavivam-debate-sobre-heidegger-e-o-nazismo/a-17488624)". Acessado em: 03 de agosto de 2014.

<http://www.excelsior.com.mx/global/2014/05/17/959854>". Acessado em 03 de agosto de 2014.

[www.europa.eu/rapid/press-release\\_SPEECH-14-355\\_pt.htm](http://www.europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-14-355_pt.htm). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/67633-cidade-chinesa-enjaula-mendigos-na-rua.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/67633-cidade-chinesa-enjaula-mendigos-na-rua.shtml). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200505.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200505.htm). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2109200303.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2109200303.htm). Acesso em 17 de novembro de 2014.

[www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4713&secao=405](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4713&secao=405). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.illinois.gov/idoc/Offender/Pages/default.aspx](http://www.illinois.gov/idoc/Offender/Pages/default.aspx). Acessado em: 20 de outubro de 2014.

[www.matchpoint.dreamworks.com/main.html](http://www.matchpoint.dreamworks.com/main.html). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.oglobo.globo.com/sociedade/mostra-reproduz-zoo-humano-que-exibia-negros-na-noruega-12627773](http://www.oglobo.globo.com/sociedade/mostra-reproduz-zoo-humano-que-exibia-negros-na-noruega-12627773). Acessado em 03 de outubro de 2014.

[www.recantodasletras.com.br/cartas/3499533](http://www.recantodasletras.com.br/cartas/3499533). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.revista-artefacto.com.ar/revista/nota/?p=91](http://www.revista-artefacto.com.ar/revista/nota/?p=91). Conferência de 19 de maio de 200, no Centro de Estudos Europeos (CES) da Universidade de Harvard, Estados Unidos.

[www.noticias.r7.com/hora-7/fotos/ken-humano-brasileiro-morre-aos-21-anos-relembre-a-entrevista-dada-ao-hora-7-04062015#!/foto/1](http://www.noticias.r7.com/hora-7/fotos/ken-humano-brasileiro-morre-aos-21-anos-relembre-a-entrevista-dada-ao-hora-7-04062015#!/foto/1). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.policiamilitar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=547](http://www.policiamilitar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=547). Acessado em 17 de novembro de 2014.

[www.timmsouza.blogspot.com.br](http://www.timmsouza.blogspot.com.br). Acessado em 01 de outubro de 2014.

[www.youtube.com/watch?v=qoKnzsiR6Ss](http://www.youtube.com/watch?v=qoKnzsiR6Ss). Acessado em 17 de novembro de 2014.